

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

A VIAGEM PERMANENTE — O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA | A DIFÍCIL LIBERDADE 2

23 de Outubro de 2020

DILIS ROMANSI / 1996

“ROMANCE DA MANHÃ”

um filme de VAKHTANG KUNTSEV-GABACHVILI

Realização, Argumento, Fotografia: Vakhtang Kuntsev-Gabachvili *Som, Montagem:* Gari Kuntsev *Música:* Guiorgui Tchladze *Interpretação:* Mamuka Tkechelachvili (o pintor), Guia Narimanidze (o músico), Sandro Kurachvili (o rapaz).

Produção: Kote Tchikviladze / Universidade Georgiana de Teatro e Cinema (Geórgia, 1996) *Produtor:* Vakhtang Kuntsev-Gabachvili *Cópia:* GNFC-Centro Nacional do Cinema Georgiano, ficheiro digital (a partir de original em película), preto e branco, sem diálogos, 15 minutos *Estreia:* 1996, na Geórgia *Inédito em Portugal.*

RO TSA DEDAMITSA MSUBUKIA / 2015

“QUANDO O PLANETA PARECE LEVE”

um filme de SALOME MATCHAIDZE, TAMUNA KARUMIDZE, DAVID MESHKI

Realização: Salome Matchaidze, Tamuna Karumidze, David Meskhi *a partir de uma ideia de* Salome Matchaidze, David Meskhi *Fotografia:* Levan Maissuradze, Tamuna Karumidze, David Meskhi *Som:* Irakli Ivanichvili *Montagem:* Tamuna Karumidze, Salome Matchaidze *Música:* Natalie Beridze (TBA), Nika Matchaidze (Nikakol), Maksime Matchaidze (Luna 9), Vakouz, Diaperpin.

Produção: Joerg Langkau / Goslab (Geórgia, Alemanha, 2015) *Cópia:* DCP (original em HD), cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 83 minutos *Título internacional:* WHEN THE EARTH SEEMS TO BE LIGHT *Primeiras exposições públicas:* 22 de Novembro de 2015, no Festival Internacional de Cinema Documental de Amesterdão *Inédito em Portugal.*

NOTA

Vamos apresentar DILIS ROMANSI no ficheiro digital proveniente do Centro Nacional do Cinema Georgiano, e não na cópia 35 mm que se esperava exhibir nesta ocasião. Trata-se de um ficheiro com nítida perda de qualidades de imagem e som, cuja banda tem um ruído de fundo persistente. Alertando para o facto, agradecemos a compreensão dos espectadores.

Em dupla na sessão, DILIS ROMANSI e ROTSA DEDAMITSA MSUBUKIA propõem-nos retratos da Geórgia urbana numa rima feliz, não obstante a fraca qualidade com que é possível apresentar o primeiro, que se adivinha mais poderoso numa projecção mais fiel às características originais do filme. Por ele começamos: este “ROMANCE DA MANHÃ” é um belo “filme de escola” realizado no âmbito da Universidade Georgiana de Teatro e Cinema, uma primeira obra. A cidade filmada em meados dos anos 1990 por Vakhtang Kuntsev-Gabachvili é uma urbe densamente habitada, repleta de transeuntes de olhar vago e vendedores ambulantes ou cantores ocasionais de rua por vezes confiantes, quase todos masculinos. A sensação é que as imagens, inverniais, podiam ser mais antigas, anteriores em décadas, o que historicamente tem a compreensibilidade de se referirem a uma data de menos de meia dúzia de anos após a independência da Geórgia do bloco soviético, isto é, a um mundo não ocidentalizado de Leste que teve de suportar a dura situação interna dos anos subsequentes. Parece mais distante do que é, no tempo, visto de agora.

A aproximação à cidade (Tiblissi?) é aérea, com as imagens a alternarem vistas gerais planantes e planos de rua captados ao nível dos passeios. O burburinho ambiente reveza-se por sua vez com canções e a música das guitarras tocadas ao ar livre. No rumor colectivo de feira da ladra, os planos vão individualizando um músico de rua, com o seu boné pousado no chão para acolher trocos dos passeantes, e um pintor, que tem

os seus quadros expostos em troncos de árvore defronte de prédios de apartamentos, assim destacados como personagens da mini-ficção esboçada neste pequeno filme sem diálogos. Eles e o rapazito que se interessa pela pintura de um, a música de outro. A balada urbana convoca ainda o cenário da estação de comboios, em que há mais vibração de silvos que locomotivas em movimento, e onde as carruagens de um comboio fazem vez de casa. A discreta cena da visita do pintor à carruagem do rapazito adormecido para lhe deixar um quadro testemunha um gesto de generosidade da personagem e por via dela a abertura optimista que alguns planos depois se declara nos sorrisos do pintor e do músico. De passagem, fixa-se um olhar sobre uma sociedade à beira da vontade de confiança.

Dezanove anos posterior, “QUANDO O PLANETA PARECE LEVE” é um filme de Tibilissi, contada pelos seus adolescentes. De novo, quase todos rapazes, são *skaters* e têm tatuagens como tantos adolescentes de tantas outras partes do mundo, e uma idêntica energia. Talvez não exactamente as mesmas expectativas, pelo menos no mundo de 2015. Numa tirada de um dos rapazes, em réplica à avó que lhe pergunta pelos estudos, cabe a lucidez desolada que, à entrada da idade adulta, parecem comungar: “Até posso tirar dois cursos, vou ser taxista na mesma.” Na mesma casa de condições degradadas, pela mesma altura do filme, o plano que fixa uma prancha de surf com uma inscrição em inglês bate no mesmo ponto – *a surf board that dreams of the ocean, but was only made to be hung on the wall*. Como o *void* (vazio) de letras garrafais.

São alguns dos sinais de bloqueio, ou desesperança, neste filme assinado a três pelos georgianos nascidos em Tibilissi Salome Matchaidze, Tamuna Karumidze (artistas visuais) e David Meskhi (fotógrafo radicado em Berlim, como Matchaidze), cujo trabalho fotográfico centrado na juventude, nas suas formas de expressão, num idealismo cultivado numa consciência de perda, esteve na base do projecto. Foi a série de fotografias com o mesmo título, retratando a subcultura dos jovens *skaters* georgianos, que o pôs em marcha. Matchaidze notou a celebração da juventude das fotos mas também a possibilidade de ampliar a perspectiva implícita dos cenários em espaços vagamente arruinados que dita a estrutura do filme, de que fala numa entrevista à revista *Metal* motivada pela obra fotográfica de Meshki: “interessou-me retratar a realidade da Geórgia pelos olhos dos *skaters* documentando a sua paixão” e simultaneamente “retratar Tibilissi de um modo diferente no sentido em que se trata de uma cidade muito eclética, romântica e estranha”.

A realidade georgiana cerca os jovens de “QUANDO O PLANETA PARECE LEVE”, pulsando nas imagens da cidade e no material de noticiário político amiúde montado em paralelo com as sequências em que os observamos dela distanciados nos espaços urbanos em que encontram o seu lugar. Um lugar nos “não-lugares” dos espaços exteriores de betão, tuneis, viadutos, ou nos locais de encontros musicais e dançantes nocturnos. A cidade de que estes rapazes gostam, e a que vivem, é *a sua* cidade, essa em que cultivam uma resistência jubilosa à realidade social, política e religiosa que os afasta. Verbaliza-o o rapaz do sedoso cabelo comprido, que também testemunha ser alvo de desdém alheio porque “os georgianos não gostam de pessoas diferentes”. O filme acolhe as palavras dos *skaters*, escutando-os sobre o sentido de Deus, do amor, da liberdade. Milagres? A única rapariga escutada no filme responde à altura: “Gostava que acontecesse. É um dos meus sonhos, testemunhar algo que surpreenda toda a gente menos a mim.” Mais do que palavras, no entanto, trata-se de um filme sensível à vibração das imagens, ao ruído dos rolamentos dos skates no asfalto. Uma visão da ilha de leveza soalheira que convive com cercanias agrestes, uma espécie de aldeia gaulesa pela possibilidade de alegria.

Maria João Madeira